



Mosaico – Rádio na Teoria e na Prática – Uma produção experimental das disciplinas de Radiojornalismo da Fundação Universidade Federal de Rondônia

Jamille Batista Ferreira da SILVA¹

Evelyn Iris Leite Morales CONDE²

Fundação Universidade de Rondônia, Vilhena, RO

Resumo

O presente trabalho faz um relato descritivo das atividades realizadas com os acadêmicos da disciplina Radiojornalismo I e II do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Rondônia, *campus* Vilhena. O objetivo deste artigo é demonstrar a importância da prática da disciplina incluída como componente curricular do referido curso, com o envolvimento dos acadêmicos no tocante ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação em processos de produção, edição e disseminação da informação radiofônica para além da sala de aula. O resultado desta experiência coloca em evidência a possível aliança entre teoria e prática sobre o veículo radiofônico, bem como a otimização dos recursos tecnológicos para divulgação das produções acadêmicas.

Palavras-Chave: Rádio. *Internet*. Prática acadêmica. Jornalismo.

Introdução

Em artigo publicado em 2010 nos anais do evento da regional Norte da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Ciências da Comunicação – Intercom Norte, uma das autoras deste relato já mencionava características quanto à formação do profissional jornalista publicadas em documentos da Federação da categoria. No texto, é mencionado o Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação Profissional dos Jornalistas da Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj, sendo as seguintes competências destacadas:

- a) o emprego eficiente de linguagens próprias da atividade jornalística nas distintas modalidades correspondentes aos diversos veículos de comunicação existentes;
- b) o domínio dos processos de gestão de recursos humanos, materiais e financeiros inerentes à produção jornalística, considerando os diversos tipos de veículos e empreendimentos de portes diversos;

¹ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Comunicação Social/ jornalismo, email: batista.jamille@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social /Jornalismo da UNIR, email: evelyn13morales@gmail.com



c) o planejamento de produtos e atividades jornalísticas e empreendimentos de comunicação que viabilizem a produção jornalística (FENAJ, 2004, p. 5).

O que para Morales Conde (2010, p. 2) “compreende o desenvolvimento de metodologias e ações pedagógicas aplicadas nos cursos de jornalismo para possibilitar a experimentação concreta das conexões entre a teoria e a técnica”. Seria este, entre outros, o propósito de ensino-aprendizado sobre o uso das tecnologias para desenvolvimento do conhecimento técnico da área, porém não deixando de lado a própria formação teórica.

Sobretudo no contexto teórico, leva-se em consideração a premissa sobre a questão cultural do profissional, como exposto no mesmo documento, ao elencar que a formação cultural deverá ser buscada através:

c) do reconhecimento da precedência da formação teórica para o entendimento da realidade humano social - cuja promoção é a grande missão do jornalismo e dos jornalistas - em relação à capacitação para o domínio das técnicas, esclarecendo-se que esta precedência é lógica e epistemológica, embora não necessariamente cronológica, no processo de formação (FENAJ, 2004, p. 5).

Com base nesta breve introdução, acredita-se ser importante o estímulo à compreensão teórica, porém, em junção permanente com a prática de uma formação que envolve mais que história: envolve o cotidiano e as diferenças na sociedade. E o rádio é um veículo muito importante desde seu surgimento há quase um século e que hoje, mesmo com as novas tecnologias, ainda se faz presente em rincões afastados e tão necessitados de informação e de proximidade com as localidades mais privilegiadas que possuem suportes de comunicação convergente.

O programa radiofônico experimental Mosaico, que tem como *slogana* frase *rádio na teoria e na prática*, quer levantar essa característica de proximidade incondicional tão bem defendida por Robert Mcleish (2001) ao identificar que o rádio é para líderes e liderados e que, com sua simplicidade, ultrapassa barreiras físicas e culturais. Portanto, o relato das experiências do programa em questão não é apenas pela prática em si, mas pela compreensão de um rádio com produção de sentido profissional e com respeito ao seu receptor: a sociedade, diferente e, por vezes, igual em seus direitos.



A prática radiofônica na universidade

O que tem sido demonstrado nas disciplinas Radiojornalismo I e II é a importância das teorias e das aplicações práticas destas, para que os acadêmicos compreendam que o bacharelado de Comunicação Social não é apenas uma escola para reprodução de textos de grandes autores e nem mesmo, sobretudo, para formar apertadores de botões nas práticas jornalísticas cotidianas exigidas por parte das funções da profissão.

No contexto da disciplina em questão, em um dos textos assimilados em sala de aula e condizente com as teorias estudadas no ambiente acadêmico, valoriza-se a contextualização de Armand Balsebre (1994) ao considerar a tecnologia do veículo radiofônico. O rádio possibilita procedimentos técnicos que permitem ao receptor uma determinada realidade sonora e vai além quando insere o ouvinte como imaginador daquela palavra transmitida, destacando assim o sistema semiótico radiofônico como:

[...] a linguagem radiofônica como conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 1994 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 329).

Deste modo, Balsebre destaca o que se vê na teoria e com aplicações práticas na importante tarefa de aliar a palavra, os ritmos, o silêncio e o conjunto de significados para o complemento entre ambas. Bem como os apontamentos de Gisela Ortriwano (1985, p. 83) ao ponderar que o produto radiofônico, ou sua mensagem, deve “respeitar todas as características do meio e as condições de recepção, devendo estar entre as preocupações básicas do emissor o fato de a mensagem radiofônica estar destinada a ser apenas ouvida”.

Ou seja, não é só técnica. O poder da mensagem, o poder da informação deve ser levado em conta. Por este motivo, não basta ser um bom técnico, mas também um bom assimilador de ideias para o seu repasse, afinal, o receptor também se alimenta delas.

Entre as observações dos acadêmicos matriculados na disciplina Radiojornalismo I e II, do primeiro semestre de 2013, há o apontamento pertinente



quanto à teoria e prática, em um contexto de aprendizado e comparação com a realidade vivenciada:

“No caso do rádio, praticar fora da sala de aula é, pra mim, uma oportunidade de entender melhor o veículo; em questão de compreender as diferenças deste veículo em relação aos demais (linguagem). Outro detalhe que eu acho interessante destacar é que praticando rádio enquanto estudantes, antes de irmos (alguns né) para o mercado de trabalho, podemos assimilar a 'teoria' e experimentar; o que nem sempre é 'permitido' quando estamos mercado”.

[...]

“Acho que é importante praticar rádio pela experiência que se pega. Só na teoria não dá pra aprender, pegar as técnicas do rádio. Principalmente se a pessoa quiser seguir a profissão. Só na sala de aula não dá pra atentar aos detalhes, até porque, na prática, o que vemos hoje no rádio é um pouco diferente do que ensinam em sala, por isso é bom juntar os dois conhecimentos”.

[...]

“A importância do rádio fora da aula, é a possível experiência de aprender as técnicas. E se caso atue na área já tenho uma certa noção de alguma coisa”.

E bem como ultrapassar a redoma da universidade, o profissional do rádio também destaca a importância de se atentar à sociedade, uma que vez que é esta a receptora das informações deste veículo. Logo, o caráter meramente prático ou apenas teórico deve ser analisado de forma a contemplar o social, seja qual for o objetivo da mensagem. Nos estudos teóricos da disciplina, que é precedida do componente curricular Redação para Rádio, são levantadas questões sobre a escrita e fala para os indivíduos de grupos variados.

“Acho que a principal função do rádio é repercutir aquilo que acontece na sociedade e nas ruas. Logo, é interessante romper a fronteira de um estúdio e para o acadêmico os limites da sala”.

O que o acadêmico destaca nesta fala é a relevância de quem está na outra ponta do sistema semiótico radiofônico, ou seja, o ouvinte. Nesta teoria levada ao extremo da prática, Mozahir Salomão aponta um jogo de interesses sadio entre as pontas emissor e receptor ao exteriorizar compromissos entre ambos já na sintonia de uma emissora:

O primeiro [compromisso] é o do reconhecimento. O ouvinte se identifica com os atos de fala, da abordagem das coisas do mundo – ou seja, com o local que é construído para ele pelo enunciador. O outro [compromisso] é o da adesão. É claro que



esse lugar construído pelo enunciador terá adesão de muitos ouvintes, mas não de outros tantos que, pelo contrário, podem mesmo sentir-se incomodados ou irritados com a oferta feita. É interessante perceber que essa “adesão” cria para o ouvinte uma sensação de extrema proximidade com o locutor e a emissora. Fato comprovado através de ouvintes que apontam um determinado locutor ou programa de rádio como algo relevante em suas vidas (SALOMÃO, 2003, p.52).

Deste modo, é salutar mencionar a importância também dos estudos voltados não apenas à forma como se produz as notícias de rádio, mas como estas podem ser transmitidas e, sobretudo, a quem serão levadas. A importância deste detalhe é pelo fato da responsabilidade para com a sociedade e para com os objetivos da função social do jornalista no tocante à ética do que se propõe a divulgar e, possivelmente, formar como opinião de outrém.

Ainda nesta composição de Salomão (2003), há muito mais que um contrato entre pessoas, mas sim um contrato com instituições sociais que firmam uma parceria de possível lealdade. Com isso, o veículo ora é palco do enunciador de muitos fatos que, por vezes, partem dos que apenas recebem a mensagem. Ou seja, é uma troca de valores entre a instituição social e de promoção de informação; o que deve ser exposto na teoria e experimentado na prática, como acontece com a interação posterior sobre o programa dos acadêmicos nos meios que é hospedado, como a página nas redes sociais na *internet*, por exemplo <[facebook/mosaico-radio-na-teoria-e-na-pratica](https://www.facebook.com/mosaico-radio-na-teoria-e-na-pratica)>. O retorno dos ouvintes, a contribuição dos mesmos e até as críticas geram possibilidades para novas criações, e com isso, novas visões e posições para produções posteriores.

A produção ‘mosaica’ do Mosaico

O programa Mosaico teve 33ª edição, sendo uma hora para cada programa, totalizando assim 33 horas de programação, sua último programa foi executado no dia 21 de dezembro 2013. A estimativa total de carga horária exceda à 50 horas entre produção, gravações, edições e finalizações, uma vez que a programação é gravada, ou no termo teórico, diferida (PRADO, 1989).

A produção é semanal, com disseminação de produtos radiofônicos produzidos em sala de aula e também extra-classe em diversos formatos, possibilitando o conhecimento de variações radiofônicas, sendo estas reportagens, boletins, programa de variedades e a ancoragem propriamente dita (ORTRIWANO, 1985). Os temas também são variados, com base em pesquisas de diversas fontes desde saúde, música, educação,



ciência, tecnologia, esporte, curiosidades, com vozes diferentes, trilhas e efeitos escolhidos de acordo com o estilo e formato editado em cada semana. Por isso seu nome Mosaico. Essa diversidade é ponto positivo para o aprendizado no contexto de formatação do produto final, como explora a editora do programa, também acadêmica da disciplina:

“Outra característica do rádio é a capacidade que ele tem de conter um número considerável de informações, quadros, etc. Dessa forma, o editor tem de procurar ser mais ‘breve’, ou seja, levar em conta a precisão, aliando-a com a rapidez. Quero dizer que o ideal é que se consiga passar o maior número de informações sem que estas percam sentido ou fiquem avulsas. O tempo no rádio é precioso. Cabe ainda a definição de Gisela Ortriwano sobre o editor: ‘A função do editor de rádio é selecionar as matérias, revisá-las e fazer a montagem, redigir notas, além de definir o tempo de cada matéria e sugerir chamadas’.

É claro, como sabemos, que na atual configuração dos bastidores do ‘Mosaico’, algumas dessas funções têm sido atribuídas aos ‘âncoras’, mas, em resumo, é fruto das circunstâncias”.

As edições são elaboradas em conjunto, nas aulas de Radiojornalismo I e II e executadas em sala com a prática de redação textual e edição radiofônica em duplas ou trios. Os *softwares* utilizados para as execuções são: de edição de texto *Writer* e de áudio *Audacity*. Ao término de todas as produções, a edição é finalizada em *software* profissional, *Sony Vegas*, para renderização e entrega do programa fechado á emissora parceira Meridional FM que transmite sua programação via Frequência Modulada e também com disseminação simultânea na *internet* via *streaming* da emissora na *web*<<http://redemeridional.liveradio.com.br/vilhena/>>.

Ao fim da transmissão, o produto é hospedado no repositório *Podomatic*<<http://www.podomatic.com/evelynmorales>>; na página do programa na rede social *Facebook*<<https://www.facebook.com/MosaicoRadioNaTeoriaENaPratica?ref=hl>> e ainda no *blog*<2mosaico.blospot.com>. Qualquer pessoa com acesso à *internet* pode baixar o conteúdo semanalmente.

Rádio na teoria e na prática



Os conceitos teóricos são trabalhados em sala de aula para o conhecimento e posterior aplicação dos mesmos em exercícios práticos, levando em consideração a sua formatação desde o foco da pauta à finalização da edição do produto radiofônico. Para isso são utilizadas tecnologias da informação e comunicação em programas de computadores específicos para pesquisa, redação e edição, além da hospedagem na *web*, como mencionado anteriormente.

Em algumas observações dos acadêmicos da disciplina Radiojornalismo I, a dinâmica de associar a teoria dos livros com a realidade do que se é escutado nas rádios locais, coloca em evidência a importância das execuções, como acontece no programa Mosaico:

“Em minha opinião, a prática do rádio fora da sala de aula tem o mesmo peso de treinar escrita e leitura. Não que tudo seja questão de treino, e sim, por acreditar que o aprendizado, a compreensão e a interpretação sensata da comunicação, estejam ela disponível através da escrita, da fotografia ou embutida no propósito da radiodifusão, depende substancialmente da prática. O tempo em que se tem contato com esses meios de comunicação em sala de aula me parece insuficiente para alcançar esses objetivos, embora tenha grande valia quando a ideia é nos orientar”.

[...]

“A importância da prática do radiojornalismo fora da universidade tem como fundamento uma preparação para o mercado de trabalho. Porque a realidade acadêmica e a prática do conteúdo proporciona uma relação de interesse dos alunos em se aprofundar mais nos contextos estudados. E também chegando ao mercado de trabalho com mais prática”.

Em uma visão de preparação para o mercado de trabalho, alguns acadêmicos acabam por levantar a questão da aliança como uma vantagem, afinal, o bacharelado em Comunicação Social, na habilitação para Jornalismo, cria condições não somente do aprendizado de conteúdos teóricos, mas sim, de possibilidade de estímulo às habilidades da profissão, como destacam os enunciados a seguir:

"Eu penso que a prática de qualquer disciplina fora da sala de aula é necessária. Não só por questão de aprendizado, mas também por questão de construção da nossa identidade enquanto futuros (nem tão futuros, na maioria das vezes) profissionais da comunicação. No caso do rádio, praticar fora da sala de aula é, pra mim, uma oportunidade de entender melhor o veículo; em questão de compreender as diferenças deste veículo em relação aos demais (linguagem). Outro detalhe que



eu acho interessante destacar é que praticando rádio enquanto estudantes, antes de irmos (alguns né) para o mercado de trabalho, podemos assimilar a 'teoria' e experimentar; o que nem sempre é 'permitido' quando estamos mercado".

[...]

“A gente acaba aprendendo muito mais e diferenciando o local de aprendizado. Acho que obtemos mais experiência”.

O interessante das observações dos acadêmicos é a assimilação do conteúdo apreendido em sala de aula com a realidade das produções práticas comerciais ou não, quanto ao seu estilo, diferentes linguagens e vozes (no sentido teórico). Neste contexto de trílice voz, destacado por Lopez Vigil (2003), é bem mais compreensível tal abordagem em uma dinâmica teórica-prática do que apenas observada de longe e não tendo a oportunidade de praticá-la para sentir sua essência.

Tal prática fora refletida nas produções especiais das edições musicais que contemplaram estilos variados como Blues, Rock, MPB e Pop. Desta forma foi possível compreendê-los e caracterizá-los com linguagens diferenciadas a cada programa, ora pela própria performance das duplas de locutores, ora pela escolha de enunciados sobre a pesquisa realizada às edições.

No caso da edição em si, a acadêmica-editora do programa expõe a seguinte conceituação teórico-prática:

“A edição – função que desempenho – consiste em selecionar o material que vai compor o conteúdo do produto radiofônico, identificado como mensagem. Este material é ‘moldado’ à linguagem radiofônica para cumprir um requisito básico e indispensável: proporcionar clareza sobre tudo o que o receptor irá ouvir e, conseqüentemente, interpretar. Por isso, devo ter em mente que é preciso evitar ambigüidades, ‘limpar’ trechos cuja locução não se faz suficientemente compreensível ou nítida. Esta é uma orientação importante em uma passagem do livro *A informação no rádio*, de Gisela Swetlana Ortriwano, quando cita o teórico Angel Faus Belau. No Mosaico, que é um programa gravado, há certa preocupação estética, isto é, procuro conseguir uma boa disposição dos vários elementos de um produto radiofônico de variedades, como qualidade de som, vinhetas, a parte musical. Tudo precisa funcionar como uma orquestra. Harmonia entre essas partes é importante”.

Este é apenas um dos exemplos do recorte de produtos executados pelos acadêmicos que, ao praticarem as ações referentes ao rádio, expuseram suas escolhas quanto ao conteúdo, sentindo a responsabilidade de que a transmissão deve ter sentido



ao receptor, levando em consideração a premissa teórica de redação radiofônica e atenção ao ouvinte.

Considerações finais

Com a constante mudança na área da Comunicação Social, se levado em consideração novos suportes e a convergência midiática, o profissional que se lança a ele deve ter em mente, e ainda na prática, o compromisso de atualização cultural e técnica.

Acredita-se que nas escolas de Comunicação o compromisso deve ser o mesmo, no contexto de atualização teórico-prática. Quando o rádio surgiu no mundo, com transmissões que reportam aos anos de 1920, com seus grandes equipamentos e pouca produção, os profissionais que acreditaram no veículo e mostraram a capacidade de transformação de formatos e conteúdos, bem como as formas de disseminação, que hoje chegam à rede mundial de computadores. Por este motivo, nada mais comum que os estudos do veículo levem em consideração a sua importância cultural enquanto mídia, suas próprias mensagens e a prática da execução/formatação da informação para se chegar a tal disseminação.

Não é mais possível compreender o rádio apenas na perspectiva teórica ou somente prática, observando através dos “aquários” nas emissoras, sem uma discussão sobre o que se produz. Desta forma, é relevante unir em uma disciplina acadêmica, o entendimento do veículo como propagador de mensagens sociais e ainda, como acadêmico, ser protagonista desta execução.

Assim, surgiu no curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Rondônia, *campus* Vilhena, o programa experimental Mosaico – Rádio na teoria e na prática. Este não cobra do indivíduo o profissionalismo de quem está trabalhando na área, mas sim a responsabilidade de produções que são, assim como as demais comerciais, transmitidas em rádio convencional. Desta forma, estimulando e colocando em evidência a preocupação do acadêmico com a formatação de um conteúdo que será transmitido à sociedade, não sendo apenas avaliado em sala de aula.

Pelas observações dos acadêmicos envolvidos na prática experimental, considera-se de suma importância desenvolver atividades que envolvam a teoria aliada à prática com o conhecimento de suportes tecnológicos que sirvam para a veiculação de produtos que não fiquem apenas entre as paredes da universidade.



Esta prática, de aliança planejada, faz com que o componente curricular ganhe força, não tão somente pelo aspecto de mera reprodução de conteúdo em um formato específico, mas pela tomada de decisão e postura do acadêmico ao buscar a informação, lapidá-la e formatá-la para posterior divulgação. Sem contar a repercussão da mesma entre seus pares e demais ouvintes interessados nesta produção orientada, com críticas, incentivo, sugestões e participação colaborativa.

Em suma, o programa experimental Mosaico – Rádio na teoria e na prática mostra o que está escrito nos livros da disciplina, porém, de maneira efetiva, no sentido de ecoar estilo, forma e abordagem a cada edição, fixando assim conteúdo teórico e, muitas vezes, de mais fácil assimilação na prática do que se imaginava.

Espera-se que a programação seja cada vez mais pensada, refletida e discutida para não cair no automatismo do apertar botões e que faça sentido como produção radiofônica diferenciada, mesmo que acadêmica, diante às demais produções veiculadas nas rádios comerciais.

Referências

BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. 1994 *In*:MEDITSCH, E (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. (Coleção NPs-Intercom).

FENAJ. **Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo**. Ed. 2004. Disponível em:
<http://www.fenaj.org.br/educacao/programa_qualidade_ensino_2004.pdf>. Acesso em 28 jun. 2013.

LÓPEZ VIGIL, J. I. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MCLEISH, R. **Produção de rádio – uma guia abrangente de produção radiofônica**. 3 ed. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, E (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. (Coleção NPs - Intercom).

MORALES CONDE, E. I. L. **Sinapse Áudio Uniron – a prática radiofônica no curso de Comunicação Social da Uniron**. Anais Intercom Norte 2009. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0138-1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

ORTRIWANO, G. S.A. **Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.



SALOMÃO, M. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003